

Professora: Alessandra Silva de Assis de Siqueira Pinto

CCI CIPS Secretaria dos Negócios Jurídicos – São Paulo/SP

## **Título**

A Escuta das vozes infantis: registro da busca pela prática.

## **Resumo**

O presente relato pretende mostrar a importância da escuta das vozes infantis e dos seus registros em diário de bordo e também de registros fílmicos como norteadores das proposições da educadora para crianças bem pequenas do agrupamento berçário I com idade entre 5 e 18 meses de uma creche municipal na cidade de São Paulo na região do centro da cidade.

O trabalho compreende quatro experiências de leitura com bebês e dos desdobramentos dessas experiências, de momentos individualizados de troca durante a higienização, do protagonismo nas brincadeiras e de agência nas experimentações com arte e natureza. Abordando a dificuldade em descobrir o que e como registrar, e o quanto é necessário estabelecer vínculos com o bebê para que ele permita que o educador se torne o mediador de seus interesses, do professor como investigador e historiador desses processos que vive com seu grupo, com a criança pequena. Não há pretensão de simplificar aspectos complexos, proporcionar vivências para crianças pequenas é uma tarefa difícil, buscou-se apenas compartilhar algumas reflexões acerca das experiências e da especificidade da docência com bebês a fim de multiplicar estas práticas, consolidando assim o protagonismo e autoria de bebês e crianças bem pequenas na creche.

## **Planejamento**

Há tempos percebo um incômodo entre os colegas sobre a valorização da nossa prática, até mesmo da ciência que nos dá suporte, imersos entre as questões do cuidar, educar, entre fraldas e chupetas, entre giz e papéis, até mesmo semanários com suas atividades e avaliações, sentem perder o entusiasmo, a motivação, pois por vezes não percebem concretamente a importância do seu fazer pedagógico. Confesso que também já me senti assim, até que em 2016 me deparei com o estudo aprofundado da Pedagogia da infância, que me trouxe de volta o entusiasmo que por um tempo me faltou...

No ano de 2016, assumi o berçário I, com sete bebês com idades entre 5 meses a 18 meses, num CEI direto da prefeitura de São Paulo, capital, no bairro da Bela Vista, que antes pertencia à CCI Secretaria de Negócios Jurídicos de São Paulo e que só a partir de 2015 integraria a Secretaria Municipal de Educação, tornando-se Centro de Educação Infantil. Nesse período entrei em contato com a Pedagogia da infância, e então descobri um modo de compreender a educação de zero a três, novo olhar, nova postura diante de minhas atribuições. Deste encontro descobri a investigação, a escuta, a observação e a importância do registrar tudo isso como uma fonte de pesquisa, que me levaria a perceber mais claramente e fidedignamente as urgências destas crianças pequenininhas, compreendendo o processo investigativo que elas mesmas direcionariam, afirmando seu protagonismo, a autoria de seu processo de aprendizagem e o quanto esse processo é valioso e até mais importante que os resultados (especificidades da docência com bebês) e do quanto o professor precisa historicizar todo esse caminhar dos bebês, deixando a impressão desse grupo, neste espaço público de educação coletiva, o CEI. O coordenador pedagógico teve papel fundamental nesse processo de historização, de elaboração de uma documentação pedagógica, pois como um par avançado que deve ser, fez apontamentos e provocações sobre o que registrava, e então percebi que o registro era muito importante, mas como e o que registrar para que obtivesse material necessário para as proposições das

experiências? Tudo começa na *Escuta das vozes infantis: registro da busca pela prática*, tema deste relato.

## Diagnóstico

Como disse, assumi o berçário I, com sete bebês frequentes, com idades entre 5 meses a 18 meses, numa creche da PMSP, na capital, no bairro da Bela Vista na zona central da cidade. Lugar de fácil acesso, a escola está localizada perto de estação de metrô Brigadeiro e das avenidas Paulista e Brigadeiro Luis Antonio, com grande oferta de transporte público.

A escola é também privilegiada em número de funcionários, a equipe toda resultaria em três crianças para cada adulto, situação bem diferente de muitas outras creches. Obviamente isso repercute de modo a ser facilitador do desenvolvimento das experiências propostas com a turma do berçário I, que exige muitos braços e colos para todos e principalmente para aqueles que ainda não andavam durante longos deslocamentos. A unidade escolar possuía pouca área verde, porém em seu entorno há muitas praças arborizadas, e no CEI existiu a preocupação de um cantinho para horta e plantio de diversas espécies mesmo em vasos, o que favoreceu uma de nossas atividades, que serão descritas oportunamente.

## Desenvolvimento

A escuta das vozes infantis necessitava de um registro, mas como sistematizar estes registros? Durante todo o ano de 2016, de fevereiro a dezembro, período deste relato, aconteceram muitas discussões, leituras de texto sobre documentação pedagógica e sobre a especificidade da docência com bebês, artigos como *As crianças pequeninhas na creche aprendem e se humanizam*, de Suely A. Mello e Renata Singulani, 2014, *A documentação pedagógica na abordagem Italiana...*- Rev. Diálogos Educ., mai/ago 2012, *Deixem o bebê brincar por si mesmo* Anna Tardos, 2012, e, ainda, *A Escola como lugar da cultura mais elaborada*, de Maria auxiliadora Faria e Suely A. Mello, 2010 entre outros, até que cheguei a algumas conclusões e aprendizados, tudo registrado no diário de bordo.

Passarei a relatar algumas experiências com o berçário I que ressignificaram a minha prática e ainda propiciaram o protagonismo destes bebês, como o trecho a seguir: nos cuidados um ser que se envolve... "Começo a ganhar a confiança da Nina. No momento de troca e de higienização, peço pra que possa limpar seu nariz e as mãozinhas, ela olha e sorri e permite, mas nem sempre foi assim. Algum tempo atrás, bem no início, saía correndo, na hora da troca de fraldas as perninhas estavam tensas, os olhos não me olhavam, ali não havia confiança, apesar de palavras doces e gestos tranquilos. Aos poucos fui ganhando o afeto, no olhar afetuosos durante estes momentos, a conversa entre balbucios, as perguntas que ainda faço a ela... Posso limpar seu nariz, Nina? Está sujo e precisa ser limpo. Nina, vamos trocar esta fralda? Você precisa ser limpa, vamos? Hoje não há mais tensões, há um momento de fortalecimento de vínculos, envolvimento, essencial para que eu consiga mediar seus interesses e tudo isso durante os cuidados, a troca" (Trecho de diário de bordo B1). Há também o encanto dos momentos de troca em diálogos individualizados com os bebês nos quais os conhecia e me dava a conhecer, e sim, na hora da higienização. O momento de troca num CEI ainda não é valorizado como deveria, obviamente a estrutura, a quantidade de crianças influenciam e muito, mas também é verdade que, mesmo com boas condições, temos que ter a concepção de que o bebê precisa desse momento de interação com o adulto, que esse momento individualizado é muito favorável à criação e ao fortalecimento de vínculo, que possibilitará que o educador possa, com a permissão do bebê, tocá-lo, fazer sua higienização, ensiná-lo a importância destes cuidados, e essa permissão se estende a possibilidade de o professor mediar o interesse daquele pequeno, portanto não é possível desvalorizar este momento e reduzi-lo a mera troca de fraldas, é um momento de troca, trocas valiosas. Converso com Téó, pergunto se está com calor, digo a ele que o tempo esquentou, pergunto "Será que tem algo aqui melhor pra você vestir?", mostro opções, permito

que escolha entre peças, continuo a conversa, e provoço “Querido, você fez xixi ou cocô? Oh! Os dois!!!”, risos se espalham. Já conheço o pequeno, não aprecia passar a blusa pela cabeça, é bem desconfortável pra ele, aviso sobre o movimento, e, o que antes era motivo de estresse, já não é, retiro rapidamente, mas delicadamente, e sinto que ele confia em mim. Tenho registros fílmicos incríveis destes momentos, no qual pude comprovar com clareza a importância desses momentos.

O treino e o entendimento de que na Educação Infantil os bebês pensam agindo e que nada é mero detalhe e que merece a nossa escuta, essa especificidade da educação de zero a três é algo imprescindível de se compreender ao registrar. Existe neste âmbito educacional, além do treino que apura o olhar, a afetividade das relações, é nisso que reside o que chamo de permissão que a criança nos dá, a confiança que deposita em nós (desde que a conquistemos), o envolvimento que nos dará pistas sobre suas necessidades e urgências, sobre suas curiosidades, aflições, vontades, e nisso encontramos as singularidades que acabam por saltar aos ouvidos e olhos dos educadores de crianças pequeninhas, e nos permite mediar seus interesses e registrá-los, quando não deixamos que brinquem abandonadas, mas que criem e brinquem suas brincadeiras inventadas sem nossa intervenção, quando as crianças sentem-se à vontade e confiantes se mostram, e mostram seus interesses, essa é a hora do registro, cada evolução deste início, na adaptação, o acolhimento, o colo pra quem quer colo, o abraço pra quem quer aconchego, atender às necessidades imediatas fazem-nos ganhar confiança e belos sorrisos. As crianças bem pequenas nos dão pistas do que escutar, observar e registrar.

Outra experiência, *Nas brincadeiras um protagonista*, foi a observação das brincadeiras que livremente os interessava, como descrevi no trecho do diário de bordo a seguir: “Brincávamos com materiais não estruturados e percebi que tudo virava pratinho, colher e mamadeira, e brinquedinhos como pelúcias viravam bebês que mamavam, primeiramente no colo da Vitória, e depois os outros também faziam. Por que não entrar de vez na brincadeira e trazer elementos reais, panelões, toalhas de mesa, colher, mamadeiras, bebês e brincar de casinha com os bebês? Com certeza o brincar pelo brincar com ganhos no processo, e ainda caminhando para o desenvolvimento de uma cultura mais elaborada, certo?” (Trecho de diário de bordo B1). Exatamente isso que aconteceu, pedi a colaboração dos pais e dos colegas da escola, com a doação de panelas velhas, colheres de pau, toalhas de mesa surradas bem como panos de prato, mamadeiras, copos pratos, colheres junto com o material não estruturado (embalagens de sucos, leites, iogurtes etc). Numa tarde a brincadeira começou, auxiliei apenas na organização dos móveis pela sala, e os pequenos, ao acordarem, viram os móveis de madeira da sala cobertos com toalhas e o material real de cozinha bem ali a seu alcance. Bonecas com fraldas de verdade e lenço umedecido fizeram parte desta brincadeira e como brincaram, cozinham, experimentaram com a colher de pau, ofereceram, trocaram fraldas, deram mamadeiras, suco, derrubaram o bebê, sorriram, limpavam sua boca após a mamada. Numa brincadeira, quanta riqueza de detalhes! Percebo também a minha ansiedade na fala. Outro importante ponto é saber quando não interferir na brincadeira do bebê, observando o registro fílmico desta experiência, percebo que em vários momentos, na ânsia de motivá-los (como se precisassem), fico apontando isso ou aquilo, em vez de permitir que eles observem por si, crítica difícil de fazer, mas necessária. O não intervir também é um fazer pedagógico. O compromisso de escutar as crianças, observá-las e consultá-las é fundamental para se pensar, desenvolver e praticar o currículo nos ambientes escolares, sobre tudo na Educação Infantil.

Através dos registros em diário de bordo, no qual descrevo situações, reações das crianças, conto curiosidades, dúvidas e contradições que vivo, pude descobrir e avaliar, aprimorar meu olhar sobre o que propor, quais disparadores, e observar, filmar suas reações, e novamente investigar e propor desdobramentos das experiências que pra eles foram significativas, com a intenção de propor as vivências que efetivamente concretizam o aprendizado infantil que pensa na ação. Este

escutar da voz infantil antecede qualquer intervenção, e dele surge o relacionamento do professor e educando, conseguimos do bebê a confiança que precisamos para que eles nos mostrem suas necessidades, curiosidades, como ser de agência que é, percebendo e crendo na real capacidade e potencial das crianças bem pequenas, percebendo a importância da influência cultural da família e da comunidade, e especialmente do espaço escolar como forma de produção de uma cultura mais elaborada, que foi o resultado desta experiência de brincar de cuidar de bebês, e o registro destes aspectos, seja no diário de bordo (o contador de histórias), seja por meio de registros fílmicos, áudios, relatórios etc. E como essa descoberta ressignificou e ainda o faz em minha prática diária com os bebês! Posso escutá-los, então observar seus avanços e seguramente propor ações que os provoquem a curiosidade que desdobre em outra curiosidade, e em outra experiência... Os registros nos apoiam, dão especial sentido a nossa prática educacional no CEI. Sabemos então que é possível a escuta das crianças, e que isso não é um processo estrondoso, pelo contrário, acontece na tranquilidade de quem observa e sabe o que observa, e registra e apoia sua prática nestes registros.

Outra experiência a ser relatada é a leitura para e com os bebês, *Nas leituras, um ser totalmente capaz*. Com o grupo do berçário I, crianças de 5 meses a 1 ano e 3 meses, desenvolvi dentro desta concepção de criança capaz e potente leituras de diversas histórias diariamente. Cria-se neste momento da leitura uma ponte para as descobertas, para a formulação de hipóteses, humaniza-se, estimula-se a imaginação, a criatividade, a criticidade; e, como se não fosse o bastante, ao mesmo tempo que tudo isso acontece, ainda estabelecemos vínculos, envolvendo afeto e sentimento de bem-estar, que estará envolvido e será lembrado todas as vezes que este pequeno segurar um livro, lendo-o, promovendo assim um comportamento leitor. Participo enquanto mediadora da história da criança pequena com a literatura, uma responsabilidade e um privilégio. "(...) Na atividade de hoje, ele apontou os olhos, piscou, sinto que empresto minha voz, eles leem, assim, com o ouvido, leem com outros sentidos, percebem o movimento dos lábios lendo o texto, leem minhas expressões, apreendem especificidades de nosso idioma, ouvem e interpretam, porque podemos ler com tantos outros sentidos... E eu? Eu apenas empresto minha voz, meu comportamento de leitora." (Trecho do diário de bordo do B1 – Sobre a leitura do livro *O bebê da cabeça aos pés*). Muitos momentos de leitura proporcionaram desdobramentos e dessas experiências significantes para o grupo, por exemplo, o livro da *Laranja Colorida*, vimos a diferença de algumas frutas, também experimentamos a laranja, comemos, cheiramos, rolamos a fruta. Em um outro livro, *O Grande Rabanete*, o *top dez* daquele grupo, é preciso destacar, o rabanete de verdade surgiu do livro em meio a leitura, com seu caule grande, brincamos, sentimos a textura, comemos, uns gostaram, outros cuspiram, além de todo o movimento que causa ao bebê o momento de leitura ainda é um ótimo disparador, provocador para desdobramentos e o alcance de vivências que é tão o resultado esperado, e todo esse processo descrito no contador de histórias, o diário de bordo. Posso registro fílmico de atividades de leitura que comprova claramente que bebês leem, se apropriam do comportamento leitor a eles ofertado e são interessados a seu modo, a seu tempo.

Essa última experiência a ser relatada muito me ensinou, *Nas experimentações um ser com agência*, as ações a serem propostas, como aconteciam as experiências, eram descritas no diário de bordo e discutidas com o coordenador pedagógico, um interlocutor, (o par avançado para esses propósitos), interações com a arte e também com a natureza, como no caso dos *Crisântemos amarelos*, que foi uma das experiências (desdobramento) que os bebês tiveram a partir do contato com a obra de Monet, tela impressa, *O Jardim de Monet*, um disparador, as crianças observaram as crianças na tela, mas nada foi tão encantador para elas quantos as flores retratadas na obra. Apontavam as crianças, como se reconhecendo, mas o que mais ali estava retratado? Aquela luminosidade toda, cores, percebi a necessidade de contar-lhes: eram as flores do jardim do Monet. Imediatamente Nina J. cheira a tela e diz “não” com a cabeça, sim, ela já

sabia que flores tinham algum perfume por alguma experiência anterior, seus colegas observaram e fizeram o mesmo, quase que todos ao mesmo tempo, não havia dúvidas, precisávamos desdobrar aquela atividade, então propus trazer flores reais para que fizessem sua experimentação. Trouxe um pequeno vaso de azaleias, mas não foi o suficiente, senti que precisava ser mais impactante, então, na interlocução com o coordenador, surgiu a ideia dos crisântemos, ele mesmo trouxe, e, no dia que as crianças viram os crisântemos, um ramalhete enorme, amarelo, luminoso como as flores da tela, foi um êxtase total, não sabiam se tocavam, se cheiravam, se amassavam as pétalas e assim por diante. Pura experimentação e euforia no nosso grupo e daí tantas outras experiências, até culminar no plantio destas flores na área externa do CEI. "A concepção de criança como protagonista, sujeito histórico, capaz e de direito que se expressa e conhece o mundo e interfere nele por meio de múltiplas linguagens, não ocorre apenas em situações grandiosas, na maior parte das vezes acontece quando não há testemunhas, só quando olhamos atentos a uma filmagem de um dia típico de passeio numa área externa... Por vezes descobrimos coisas incríveis com um olhar mais atento para o cotidiano!" (Trecho de diário de bordo B1).

Justamente o que aconteceu na experiência da observação de uma bebê, Nina S., que aparentemente não se envolvia nas proposições como os outros, mantinha-se sempre a uma certa distância, pensei inclusive em propor experiências que a trouxesse mais para o grupo, aquilo me incomodava, entretanto, ao escrever meu incômodo no diário, o coordenador me fez apontamentos como: Por que você acha que Nina S. não se envolve, não seria esperar comportamentos padrão, que reações você espera? É assim que mede o envolvimento, e se isso é o modo como ela se envolve? E mais, e se não deseja se envolver nesse momento? Tudo isso me fez refletir sobre o que eram minhas angústias e voltar o olhar e a escuta para Nina S. a fim de compreendê-la, de conhecê-la, afinal Nina S. foi uma das últimas em nosso grupo a ser matriculada. E o dia chegou, através de um registro fílmico, observamos sua agência, numa brincadeira de exploração na área externa e espaço verde, onde iríamos, entre outras coisas, visitar o nosso vaso com Crisântemos amarelo, enquanto a maioria eufórica não sabia onde se conter, e isso com muita naturalidade, bebês são tão ávidos por descobertas, crianças são, Nina S. andou e se sentou ao lado do vaso das flores amarelas, e foi filmada, brincava com o cair das pétalas, ali num cantinho, sem participar da intensidade de seus colegas soltos na pequena área verde do CEI, mas que, a seu modo, experimentava a leveza das pétalas e as testava com muita delicadeza, como que brincando de bem me quer mal me quer, brincava ali com a delicadeza de outra flor... Momento esse que gerou um artigo com esse mesmo título, sobre a agência da criança bem pequena. Quantas vezes achamos que o bebê ou criança não participou porque não reagiu com a intensidade de outros, ou da maneira como esperávamos? Nina mostra que os bebês têm suas peculiaridades, maneiras únicas de agir, faz escolhas, propõem tarefas a si próprios, são agentes de seu desenvolvimento único, porque são únicos! Os pais das crianças, que estavam cientes de todas as experiências, mais de uma vez expressaram seu interesse e contentamento sobre o trabalho desenvolvido. Em um desses momentos de troca, a mãe de Nina S. concretizou sua fala e nos escreveu uma carta que relatava seu sentimento pelo que Nina estava experimentando ali no berçário 1, e expressou emoções e expectativas muito positivas a respeito da concepção de criança que era trabalhada ali, o que emocionou a mim, e também a colegas e gestão, motivando-me ainda mais no processo. A escuta dessas vozes, de Téó, Nina J., Vitória, e da Nina S. e de outros como Davi, Laura e Lis, proporcionou a observação e registros importantes, dos detalhes, e por isso puderam culminar em experiências tão significativas que logo davam sequência a um novo movimento do bebê e também do grupo em busca de outra experimentação, sedentos que são de descobrir e deixar sua história no mundo, esse processo nos valoriza enquanto profissionais da Educação Infantil e ainda contribui para uma Educação Infantil pública de qualidade. Os registros, os relatórios na Educação Infantil, os registros fílmicos,

enfim, precisam contar uma história, precisa contar-nos isso, o educador precisa se apropriar da ciência da pedagogia, de entender sua sistematização, da escuta e registro, do saber que realiza todos os dias com bebês e crianças pequenas, eles nos contam, são os autores todos os dias, precisamos estar atentos, escutar, registrar, e os bebês contam conosco!

## **Avaliação**

### **Aprendizagem**

O que mais chama minha atenção nesta avaliação de meu trabalho, com essas crianças tão pequenas, é que não se pretende apresentar um receituário de como proceder, mas é inegável que os fatores espaciais, materiais e de pessoal devem ser analisados quando se deseja realizar uma proposição diferenciada às crianças, seja nas leituras e experiências com a leitura, seja nos momentos individualizados de troca, nas brincadeiras, nas experimentações, perceber o quanto tais elementos podem contribuir ou não para a agência da criança.

O registro fílmico feito da última experiência com Nina S. aqui relatada provoca discussões: o que é agência? Como os adultos ajudam ou atrapalham na realização da agência infantil? O que é estar fora do padrão? Não estar atuando naquilo que se espera? Como podemos perceber, no registro fílmico, havia uma criança ali muito interessada, investigando, quieta e a seu modo, mesmo diante de tantos outros apelos, continuava focada em tocar a flor e suas pétalas e vê-las cair. Relato a seguir um trecho do diário de bordo: “Percebo que a pequena tem movimentos leves, delicados, move bastante as mãozinhas, até para chorar, chora baixinho, cheguei a me preocupar com o fato desse “não me toque” da pequenina... obviamente respeitando seu momento. Cheguei a pensar se deveria propor algo que a desenvolveria nesse sentido. Porém, conversando com o CP percebo que talvez seja sua preferência, sua maneira de conseguir lidar com todos esses desafios de uma sala e que muitas vezes nós adultos também a temos”.

Na filmagem de hoje não foi diferente, Nina S. estava sentadinha, circulou pouco pelo espaço. No dia que ganhamos o crisântemo, no dia do cheirar, todos estavam muito animados e somente depois de todo esse movimento é que Nina se aproxima e vem experimentar, passa as mãos pelas flores, cheira, sorri... só ela e a professora, fora do tumulto do coleguinhas.

À primeira vista, na atividade de hoje, pareceu-me estar desinteressada, mas assistindo ao vídeo, vi que foi o contrário! Nina S. vai arrancando as pétalas, permanecendo no mesmo lugar, do mesmo jeitinho, olha, joga e volta a fazer novamente os movimentos mais elaborados de pinça com a delicadeza de outra flor! Nina experimenta! Alimenta e nutre assim a sua curiosidade!

É preciso abandonar preconceitos, como descrito anteriormente, de que se a criança não está efusiva, não está interessada, se não está numa roda, sentada, olhando apenas para o livro, não está percebendo a história. Na última experiência relatada aprendi essa lição, os bebês têm agência e reagem de diferentes modos às proposições.

Outra crítica nesta avaliação é que não deixei as lentes das câmeras fotográficas ou de vídeo ligadas nos momentos cotidianos, e muito disto se deve ao fato de se acreditar que as câmeras e os registros minuciosos só devam acontecer nos momentos tidos como especiais. Ao se proceder desta forma, abre-se mão do maravilhamento que o cotidiano pode apresentar, e nos distanciamos de uma possível documentação pedagógica.

A experiência é fluída, não deve ser descontinuada, não há sentido em limitar os registros às situações que pareçam especiais e deixar de lado a possibilidade de perceber como se dá o processo de investigação das crianças. Logo, preocupar-se com o registro cotidiano, seja de que forma for, é vital para avançar nas proposições e reconstruir o percurso, como se dá o processo que é, se não mais, tão importante quanto os resultados que muitas vezes nem podem ser mensurados..

Durante todo o ano de 2016, tempo que estive neste CEI e que ocorreram estas experiências (pois no ano seguinte pedi remoção para outra creche), percebi o quanto o diário de bordo é um instrumento eficaz para a criação de uma prática pedagógica reflexiva e democrática. A

documentação pedagógica tem um papel fundamental por historicizar a construção de significados, dos processos infantis, como vimos no exemplo dado de Nina S., ali deixou sua marca, sua história. Fundamental é a escrita do diário de bordo e mais ainda os apontamentos feitos nele pelo coordenador pedagógico, para o aprofundamento das reflexões.

O diário de bordo, por exemplo, permite tanto que o educador conheça mais profundamente as manifestações infantis das crianças com as quais convive, como também possibilita que torne seu trabalho visível, aberto a uma discussão democrática de seus fazeres. Ele permite que pares avançados percebam como constroem sua concepção de criança, permite que possam enxergar sua prática e as teorias que a fundamentam, e como não perceber suas contradições! E refletir sobre elas e buscar avanços, produzindo também conhecimentos e outras teorias, a pedagogia é uma ciência e a nós cabe seus avanços. Espero ter conseguido mostrar a importância que o registro docente destas escutas tem para se efetivar o protagonismo infantil, tornando-o sujeito de sua própria história.

### **Reflexão**

A experiência vivida por você pode ser replicada por outros professores que vivem realidades similares?

R: Creio que é totalmente possível, obviamente dentro das especificidades de seu grupo.

O que é preciso para que essa replicação aconteça?

R: Disponibilidade para escuta da voz infantil e do registro desta, e concepção de criança como ser de agência e potente.

Quais seriam as dificuldades numa eventual replicação?

R: Os preconceitos que por vezes querem nos induzir na escuta e a quantidade de detalhes no registro, falta de sistematização deste registro e falta de estrutura, e de comprometimento da equipe.

O que os professores que se inspirarem em sua prática poderão esperar em relação ao aprendizado dos alunos?

R: Perceberão crianças bem pequenininhas sendo autoras de sua história, propondo tarefas a si mesmas, envolvendo-se afetivamente e permitindo a você que se relacione com eles e que possa mediar seus interesses.